

48. “Morreu fulano em Oiapoque”

Lília Ramos Oliveira

Olá parentes, me chamo Lília Ramos Oliveira, moro na Aldeia Manga, sou indígena da etnia Karipuna, tenho 29 anos, sou acadêmica do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Atualmente trabalho na Associação de Mulheres Indígenas em Mutirão (AMIM) como coordenadora financeira da associação. Gostaria de compartilhar com todos os parentes indígenas e não indígenas este momento tão difícil que estamos vivendo com a chegada da COVID-19 dentro das comunidades indígenas.

No início todos temiam e, como em um piscar de olhos, o mundo parou. O vírus não escolhia classe social, não distinguia rico, pobre, branco, negro e índio, só tínhamos uma certeza: todos estávamos no mesmo barco, lutando contra o invisível. A tomada de decisão da comunidade para fechar o portão da entrada de nossa Terra Indígena Uaçá, no Km 18, foi imediata e muito eficaz. Foram feitas reuniões e as normas ficaram mais rígidas, o portão foi fechado e ninguém saía e ninguém entrava, mas o medo nos assolava a cada noite...

Todo dia escutávamos “morreu fulano em Oiapoque”! Nós não sabíamos que, desde o dia 5 de abril, já tínhamos, dentro da Aldeia Manga, os primeiros casos suspeitos. Com o passar dos dias só iam aumentando os casos, em uma velocidade enorme. Após os primeiros casos confirmados na Aldeia Manga tudo parou: os movimentos de roça, cultos, futebol e outras atividades.

Minha família trabalha com comércio e foi muito difícil para continuar, pois não podíamos ir na cidade fazer as compras, tivemos que nos reinventar... a comunicação facilita. Respeitando todas as regras da saúde do DSEI (Departamento Sanitário Especial Indígena) fazíamos os pedidos online e vinham deixar até a entrada do KM-18, dessa forma abastecíamos o comércio, ainda estamos trabalhando dessa forma.

No dia 8 de maio o meu pai começou a apresentar sintomas, ficou dois dias acamado e com fortes dores, febre e tosse. A partir daí, a cada dia um da família apresentava sintomas, era horrível. Chegou um momento onde um já não conseguia cuidar do outro. Fui diagnosticada dia 22 de maio e hoje estou com 41 dias, recuperando aos poucos, mas durante nove dias tive falta de ar. Minha mãe foi a que passou mais mal, pois ela é hipertensa e tem

outros problemas de saúde. Foram noites sem dormir e dias que pareciam não passar. Depois que fui diagnosticada tivemos que fechar as portas do comércio para não transmitir o vírus para outras pessoas.

Tenho certeza de que nossos remédios tradicionais foram muito eficazes nesse momento, por isso quero pedir aos parentes para valorizar os nossos conhecimentos tradicionais. Fico feliz em saber que já temos muitos parentes recuperados, principalmente por causa dos remédios caseiros, como o chá que tomamos. Quero aqui agradecer a todos os enfermeiros indígenas e não indígenas que lutam na linha de frente por mim, por você e por todos, meu muito obrigada! Para as mulheres da AMIM quero dizer que as nossas oficinas de plantas medicinais estão dando resultado positivo, que podem ser vistos nesse momento tão difícil em que vivemos!

Aldeia Manga, Oiapoque, Amapá, Brasil

01 de julho de 2020